

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
MALAMOR/ TAINTED LOVE – REALIZADORES CONVIDADOS: JOÃO
PEDRO RODRIGUES E JOÃO RUI GUERRA DA MATA
11 de Outubro de 2025

A ÚLTIMA VEZ QUE VI MACAU / 2012

Um filme de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata

Realização e Argumento: João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata / Direcção de Fotografia: Rui Poças / Som: Carlos Conceição e Nuno Carvalho / Montagem: João Pedro Rodrigues, João Rui Guerra da Mata e Raphaël Lefèvre / Com: Cindy Scrash, Lydie Barbara, e as vozes de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata.

Produção: Blackmaria – Epicentre Films / Produtores: João Figueiras, Daniel Chabannes de Sars, Corentin Sénéchal / Cópia digital, colorida, falada em português / Duração: 81 minutos / Estreia em Portugal: 14 de Março de 2013.

A Última Vez Que Vi Macau é apresentado em “double bill” com **The Man with the Golden Gun**, de Guy Hamilton (“folha” distribuída em separado). Entre a projeção dos dois filmes há um intervalo de 10 minutos.

Produto mais ambicioso da expedição a Macau de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata no princípio da década passada (e precedido por **Alvorada Vermelha**, curta-metragem filmada num mercado macaense), **A Última Vez que Vi Macau** é um feliz casamento entre “ficção” e “documento”, na acepção convencional dos termos, conquistado na dissociação entre a banda de imagem e a banda de som.

Na imagem, um desfile de planos de Macau, ruas e casas, dias e noites, actividades mais corriqueiras ou mais secretas, planos filmados de ao perto e de ao longe, mas raramente encenados, ou “preparados”, para a câmara. No som, e sempre em “off”, um longo monólogo, em jeito e em espírito de “film noir”, onde o protagonista envolve numa história de mistério (o que aconteceu à sua “amiga” Candy?) as reflexões suscitadas pelo reencontro, muitos anos depois, com o território macaense.

Na altura da estreia do filme, apontaram-se algumas reservas à suposta “arbitrariedade” dessa relação entre som e imagem. Do nosso lugar, pensamos, pelo contrário, que essa arbitrariedade não só não merece reservas como é, ela própria e por ela própria, o fulcro do filme, que se encontra aí, nessa aparente ausência de necessidade da conjunção entre o que a imagem mostra e o que o som diz (ou vice-versa). É o real como espião da ficção, a cidade de Macau como viveiro de “um milhão de histórias”, glosando a lengalenga introdutória de uma célebre série sobre “cidades nuas”. Mais directos ao que de facto importa, Rodrigues e Guerra da Mata também glosam: o **Macao** de Sternberg (e Nicholas Ray) expoente do exotismo hollywoodiano de coloração “noir”, de que pelo menos um plano é incluído no filme (assim como, lá para o final, uma canção na voz de

Jane Russell), matriz cinéfila que vem contrapor, de algum modo “infectando-o”, o real reconhecimento territorial, ou (jogo de palavras irresistível) o reconhecimento territorial do “real”.

Deitamo-nos a adivinhar, porque isto vem do que sabemos dos realizadores e do que eles contaram em enrevistas, mas a mecânica do filme sugere que um deles (Guerra da Mata) tem de facto uma história pessoal com Macau, enquanto para outro (João Pedro Rodrigues) Macau é, antes de outra coisa qualquer, um território mental povoado por fantasmas de cinema. Esta outra espécie de “dissociação”, prévia e essencial, é raiz do grande jogo que os cineastas vão jogar àquela terra de casinos, como se tudo (cinema e real) puxasse para seu lado até se tornar claro que a realidade e os seus fantasmas são, pelo poder do cinema, uma e a mesma coisa, e caminhassem lado a lado, alegremente, rumo à dissolução no belo “apocalipse” final - tão grande é esse poder do cinema que pode destruir uma cidade.

Luís Miguel Oliveira